

GRACILIANO RAMOS E A BULGÁRIA

Rumen Stoyanov (Univ.Sófia)¹

Resumo: O artigo historia a fortuna da literatura brasileira na Bulgária, os percursos das traduções, tiragem das edições, gêneros mais difundidos, a figura de Graciliano Ramos e a divulgação de suas obras, principalmente de **Vidas secas**, os autores conhecidos hoje.

Palavras-chave: Bulgária, literatura brasileira, Graciliano Ramos, **Vidas secas**.

Abstract: This Article historicizes Brazilian literature fortune in Bulgaria, the paths of translation, printing issues, the most widespread style, Graciliano Ramos' figure and dissemination of his works, mostly **Vidas Secas**, the authors known today.

Key-words: Bulgaria, brasilian literature, Graciliano Ramos, **Vidas secas**.

Mas por quê?

A literatura brasileira entrou na Bulgária com dois pés direitos: Artur Azevedo e Machado de Assis. O ano foi 1938: saiu um pequeno livro com contos deles, traduzido por Kroc Yordanov provavelmente do francês, o título era **Dona Paula**. Depois reinou o que chamo de absolutismo amadiano na presença literária brasileira em búlgaro, começando por **Cacau e sangue** (1949). Porém, antes que isto acontecesse, transcorreriam onze anos. O vazio não há de se estranhar: a Segunda Guerra Mundial, na qual a Bulgária e o Brasil ficaram de lados opostos, seguida por uma radical mudança política, econômica e cultural na Bulgária, onde o poder foi tomado pelo Partido Comunista em 1944.

Ainda falta um estudo que analise o crescente número de textos que ao longo de oitenta anos vêm aparecendo das letras brasileiras na Bulgária. Ele traria à tona muitos dados surpreendentes, interessantes e completamente ignorados entre os brasileiros. Na ausência duma pesquisa que ofereça uma informação abrangente e detalhada, não resta outra alternativa senão apelar, por enquanto, a elementos parciais que seriam integrantes dum futuro panorama. Esta é a razão de abordar Graciliano Ramos através da Bulgária, pois, devido à

¹ Desde 1969 leciono na Universidade de Sofia. Atualmente dou cursos de literatura brasileira; relações culturais búlgaro-brasileiras; literatura búlgara na Ibéria e América Latina; como traduzir poesia; como escrever ensaio; civilização hispânica; tradução do português ao búlgaro. Tenho dado também civilização brasileira. Nasci em 1941, sou licenciado em língua espanhola e literatura cubana e hispanoamericana pela Universidade de Havana (1967); tenho ensinado 10 semestres búlgaro na Universidade Nacional Autónoma do México (83-88), 5 na Universidade de Brasília, 4 de língua e cultura búlgara e 1 de literatura brasileira na Bulgária. Vivi 18 na AL, deles 10 no Brasil (72-75, 92-95, 2000-04) sendo diplomata na Embaixada Bulgária. Meu primeiro texto traduzido do português é de 1969, **Vidas secas**. Em 1981 a Civilização Brasileira publicou **Poemas no Brasil**, seleção do que tinha escrito em português. No Brasil saíram **Contos de tenetz** (de Yordan Raditchkov), cotradução com Anderson Braga Horta e **Observatório** (de Liubomir Levchev, poesia, 1975). A Universidade de Brasília editou **Drummond e a Bulgária**, 330 p, está na internet, com mais de 40 cartas dele, acho que 37 para mim. Traduzi **Cem anos de solidão**, 5 livros de Cortázar, 2 de Borges, 2 de Carpentier, etc. Por motivo dos 500 anos do Brasil recebi a Ordem do Rio Branco, grau oficial. Tenho um filho arquiteto em S. Paulo e nora brasileira.

barreira linguística, sem um olhar desde o coração dos Bálcãs, os compatriotas dele não poderiam se inteirar do que já apareceu do alagoano num idioma tão diferente e geograficamente tão afastado a respeito do sertão. Além disto, estas páginas permitiriam um acesso, ainda mínimo, ao espaço narrativo do Brasil na Bulgária.

Primeiro: a palavra

O campeão

Até agora Jorge Amado, com treze livros, três deles reeditados, encabeça a lista de autores brasileiros em búlgaro. Inicialmente, por falta de pessoas em condições de trabalhar diretamente com o português, apelou-se a dois intermediários, o inglês (**Cacau e sangue**, 1949, 1951, respectivamente com tradutores diferentes) e o francês (**Seara vermelha**, 1950; **O país das frutas douradas**, 1950; **O cavaleiro da esperança**, 1951). Em 1955 **Os subterrâneos da liberdade** marca o começo de versões diretas ao búlgaro. Esta abundância de obras do escritor baiano leva à conclusão de que durante decênios é ele quem predomina na Bulgária e a ideia que aqui se tinha das letras brasileiras era praticamente a formada através do pai literário de dona Flor. Em 1964 apareceu o romance **Sol do meio-dia** de Alina Paim, única e modesta intromissão na hegemonia amadiana. Bem mais tarde Paulo Coelho rivalizaria quanto ao número de livros publicados na Bulgária. Por tratar-se do país do futebol, podemos expressar a correlação no placar e o resultado seria 13: 11, perdendo o carioca com dois gols.

E andavam para o sul, porém chegaram bem ao norte, a Sófia

E naquela ambiência, de predomínio amadiano quase completo, veio o ano 1969, notável para a difusão da ficção brasileira com a edição de **Vidas secas**, realizada pela Narodna Cultura (Cultura Popular) em Sófia. Fundada em 1944, a editora posteriormente se dedicou só a textos estrangeiros e neste campo atingiu um altíssimo prestígio entre os leitores nacionais. Deixou de existir em 2004, mas tendo acumulado, ao longe de sessenta nos, no seu acervo um número enorme de obras primas da literatura universal de todas as épocas, desde o Egito antigo. A Narodna Cultura foi um centro de colaboração dos melhores tradutores búlgaros naquele período. O romance teve uma tiragem de 10. 100 exemplares, o que não foi nada mal, sobretudo levando em consideração a quantidade de habitantes, na casa dos 8 000 000, e significa que foi lido por muitos. Saiu na Biblioteca Livros para Todos. O título, aliás o único brasileiro na série, levava o número 59, o que permite concluir que ela já contava com certa tradição, ou seja, dispunha realmente dum público. A capa foi desenhada por Alexandar Poplilov (1916 -2001), uma figura de destaque: chefe do Departamento de Artes Gráficas; do Departamento do Livro, da Ilustração e do Cartaz na Academia Nacional de Belas Artes. E chegou a ser reitor dela. Poplilov era famoso na área dos livros, já que produziu acima de 1000 ilustrações e capas. Para **Vidas secas** ele fez além da capa um desenho que representa Fabiano, dona Vitoria e os dois meninos, na página que leva o título.

O tradutor é Rumen Stoyanov (1941). Ele escreveu também um pequeno posfácio, “Sobre o autor e o livro“, tão curto que dá para incluí-lo na integra aqui. Hoje impressiona com sua ingenuidade e testemunha uma não escassez senão uma comovedora falta de informação do que são o Nordeste e o sertão, o que explica o caráter dessas poucas linhas. Confesso que as escrevi apenas porque a editora insistiu, alegando, com razão, que os leitores deviam ter alguma referência que falasse do romancista totalmente desconhecido para eles, algum apoio que facilitasse a compreensão do livro, mais ainda por tratar dum meio igualmente ignorado entre búlgaros. Aquela nota é a primeira coisa que redigi sobre o Brasil, onde em três estadias

viveria dez anos; com prazer a passaria por alto, tão superficial ela é. A única justificativa para não omiti-la é que faz parte do tema e em aras da objetividade não posso esquecer aquele fruto imaturo numa pena incipiente.

Pois aqui vai ele, agora visto por mim como um documento (mesmo que seu propósito não fora este) da Guerra Fria, pois evidencia quão difícil era inteirar-se na Bulgária, dirigida pelo Partido Comunista, de aspectos da realidade no Brasil, governado pelos militares de direita. Os dois regimes eram inimigos e isto obstaculizava o conhecimento mútuo em qualquer domínio. Porém seria injusto culpar unicamente a situação política, havia outros fatores não menos importantes: quarenta anos atrás o mundo, ainda sem internet e todas as maravilhas e milagres do reino da informática, era incomparavelmente bem maior, a informação circulava dum modo muitíssimo limitado, lento e caro.

Sobre o autor e o livro

No Brasil, esse país continente, país de tremendos contrastes, na vegetação, na arquitetura, nos tipos humanos e seu nível material e cultural, a palavra sertão não é apenas um termo geográfico que significa um enorme território no Nordeste, longe do litoral oceânico, medo e benefício. As horríveis secas e o regime social converteram o sertão num sinônimo sinistro de miséria e fome. E nessa região brasileira mais atrasada a existência do homem é mais difícil na amaldiçoada caatinga, uma planície acidentada, onde vaqueiros a cavalo pastoreiam gado semi-selvagem em áreas cercadas de arame farpado por fazendeiros. Cactos e espinheiros com formas estranhas como seus nomes: macambira, xiquexique, mandacaru, quipá, palmatória... Árvores resistentes de nomes exóticos e sonoros: juazeiro, quixabeira, catingueira, jatobá, mucunha, sucupira, mulungu, baraúna, imburana... Pelas matas até agora varam os legendários cangaceiros. E por cima de tudo isso eleva-se o sol de fogo, que manda sofrimentos e morte. No verão seus raios trituram até a pó as folhas das árvores, matam de sede os bichos, afugentam com fome os humanos dispersos na caatinga. Eles partem através do deserto queimado, passando ao lado de esqueletos nêcos de animais mortos e de fundos poços rachados, secos, rumo a pequenos povoados no meio do calor e também perecendo por água ou para o sertão não menos hostil do que a caatinga. No Nordeste brasileiro as secas e as desgraças não têm fim.

Dos pobres sertanejos na caatinga trata *Vidas secas*, das suas penas insuportáveis, da sua resistência e vontade de viver.

Graciliano Ramos (1892 – 1953) se dá a conhecer como escritor já tendo passado dos quarenta. Direto até a rispidez e fanaticamente honesto, ele nunca ficava contente com o escrito, considerava-o indigno de ser impresso. E seus poucos livros são publicados quase contra seu desejo. Ele não é dos romancistas que ditam diretamente a datilógrafas, como se não escrevesse, senão trabalhasse numa pedreira, arrancando toda palavra antes de colocá-la na folha branca. Sempre procurando, ele repensa e corrige o escrito infinitas vezes, detesta as discussões literárias nos cafés e as intrigas da sociedade da capital, encontra e ama seus personagens longe do Rio de Janeiro. Firmemente convencido da necessidade de se construir uma nova sociedade, Ramos ingressa no Partido Comunista Brasileiro, a polícia o persegue e em 1935 bota-o na prisão. Editados postumamente, os dois tomos de *Memórias do cárcere* evocam artisticamente aqueles meses difíceis.

Alem de **Memórias do cárcere** e **Vidas secas** (1938) Ramos deixa apenas os romances **Caetés** (1933), **São Bernardo** (1935), **Angústia** (1936) e a autobiográfica **Infância** (1945). Mas eles representam uma verdadeira viragem na narrativa brasileira, em cujas páginas até então dominavam a técnica e a estética dos mestres franceses e norte-americanos ou prepondera, também de maneira não muito convincente, a natureza exuberante e dura. Muitos dos livros da época há tempo que estão esquecidos; *Vidas secas*, já com vinte e uma reedições

no Brasil e traduzida em várias línguas, continua sendo uma obra reluzente e vigorosa e permanece não tanto por ainda ser seca vida na caatinga, senão porque o autor soube revelá-la com a maestria dum grande artista.

Graciliano Ramos é um clássico das letras brasileiras do século XX. Com suas obras ele cria um modelo de ficção nacional, sacudindo-a de descrições costumbristas torpes, de modelos estrangeiros, livrando-a das penas exóticas podendo ela se orgulhar hoje de nomes como Guimarães Rosa.

Que é isso?

Ao posfácio segue um “Glossário de palavras desconhecidas” (vinte e uma) que, explicando-as, facilita a sua compreensão e do contexto em que estão usadas. São principalmente nomes de plantas, colocadas em ordem alfabética: alastrado, angico, baraúna, vintém, jatobá, juazeiro, imbu, caatinga, cabra, cangaceiro, catingueira, quipá, quipabeira, mandacaru, macambira, milreis, mucunã, mulungu, palmatória, sertão, sucupira, tostão, xiquexique. Como se trata de vegetais e outras coisas inexistentes em búlgaro, a única maneira de admiti-las na nossa língua foi acompanhá-las de pequenas explicações. Deste jeito **Vidas secas** foi uma fonte de vocábulos brasileiros no idioma búlgaro. A propósito deles, ainda falta um levantamento que una todos e mostre quais são, quantos são, quando entraram, se sofreram algumas mudanças na grafia e as vias de sua penetração. Mesmo extensa, a tarefa não é difícil de realizar, bastaria ler os textos de ficção brasileiros traduzidos e o que os búlgaros escreveram sobre o gigante do trópico. Claro, a maioria destas vozes tem um uso limitado ou limitadíssimo, mas estão em páginas búlgaras e algumas figuram não apenas em romances, contos, senão em dicionários de estrangeirismos, o que indica já uma posição estável no campo léxico nacional. Pouquíssimas têm uma aplicação local, tal foi o caso de carioca, que foi uma marca de cigarros fabricados na Bulgária e vendidos em caixinhas de a dez. Esta mercadoria deu até um diminutivo, feito conforme a morfologia búlgara: cariotchka. Num futuro livro sobre as palavras brasileiras no país do alfabeto cirílico Graciliano Ramos terá seu lugar seguro.

Silêncio, mesmo sem por favor

Vidas secas não suscitou nenhum comentário na imprensa. Como explicar esse lamentável silêncio, mais surpreendente ainda se pensamos que a tiragem foi alta? O que acontece é que em 1969 na Bulgária faltavam pessoas capazes de escrever sobre literatura brasileira, podiam-se contar nos dedos das mãos os indivíduos que dominavam o português. Outra causa não menos importante foi a falta de informação, para não dizer a ignorância acerca da realidade brasileira e em particular da nordestina, à qual me referi; sendo assim, como abordar coisas que eram inacessíveis a nós? Viviam-se os anos da Guerra Fria, da Cortina de Ferro, do Muro de Berlim e, como se tudo isso fosse pouco, no Brasil o poder estava em mãos de militares anticomunistas e, na Bulgária, os próprios comunistas que igualmente não gostavam de generais de direita. Estas circunstâncias cortavam as possíveis vias de comunicação entre os dois países e no caso objeto desta pesquisa o resultado foi calar-se. Os búlgaros ainda não dispunham de elementos que permitissem uma recepção merecida, quer dizer, à altura dos valores do romance seco por parte da crítica. Neste contexto não é de se estranhar a ausência de resenhas sobre o romance de Graciliano Ramos. Ela não impediu que a tiragem esgotasse rápido, quer dizer, mesmo sem nenhum apoio logístico a edição cumpriu seu destino, o de encontrar leitores.

Estudemos, minha gente

Não estaria de mais lembrar que o ensino de português começou aqui em 1975, por motivos nada filológicos: com as independências das ex-colônias africanas surgiu a possibilidade de que a Bulgária mandasse a elas especialistas (médicos, agrônomos, engenheiros, professores, etc.), e eles deviam urgentemente aprender a língua antes de irem lá. Quer dizer, aqueles cursos tinham uma finalidade muito prática, fora de qualquer olhar na história do Brasil literário e os que passavam por eles não adquiriam elementos necessários para comentar textos de ficção.

Em 1992 inaugurou-se o curso de graduação em português, este servidor foi seu primeiro responsável. Desde daquela data ele funciona na Universidade de Sófia São Clemente de Okhrid, o mais antigo e mais importante centro de ensino superior no país. Anualmente vinte jovens ingressam nesse curso, cujo nome oficial é Filologia Portuguesa. Houve uma época em que o português era lecionado em três universidades e dois colégios. Vale a pena mencionar para brasileiros quais são os organismos educativos que efetuaram a expansão do português na Bulgária. No nível superior são a Universidade de Sófia São Clemente de Okhrid; a Universidade São Cirilo e São Método, na cidade de Veliko Tarnovo, capital do país durante o Segundo Reino, que terminou em 1396, quando caiu sob dominação turca por quinhentos anos; a Academia de Economia, na cidade de Svistov, à beira do Danúbio. No nível médio são o Liceu Cervantes e o Colégio São Cirilo e São Metodio, ambos em Sófia.

Agora, na Bulgária temos latino-americanistas que são incomparavelmente superiores aos seus confrades de quarenta anos atrás, mas não podemos retroceder ao ano 1969 e preencher o vazio crítico a respeito de **Vidas secas**. Eu gosto do romance, mas por não dirigir a máquina do tempo, nem simples carro, a única coisa que posso fazer para, em certa medida, remediar aquele silêncio compacto, é oferecer as presentes páginas atrasadas.

A literatura brasileira é lecionada durante dois semestres a todos os alunos de Filologia Portuguesa e o segundo inclui Graciliano Ramos. Como professor desta matéria posso dizer que já são centenas os egressos, pois cada ano admitem-se, mediante vestibular, vinte pessoas e devem assistir a aulas sobre o regionalismo nas letras brasileiras. Graças a doações, estudantes e professores dispõem duma biblioteca, nela predominam os livros portugueses, mas na parte do além Atlântico está **Vidas secas**. Nesta altura ler o romance no original é bem fácil via internet e os alunos aproveitam a oportunidade.

Fora desse curso obrigatório, na Universidade de Sofia há outro, de um semestre, optativo, sobre relações culturais entre o Brasil e a Bulgária, ministrado, em diferentes raios, em separado, a estudantes de Filologia Portuguesa e de Filologia Espanhola. Ou seja, inclusive pessoas que não sabem a língua de Graciliano Ramos também tomam conhecimento do seu lugar na presença do Brasil na Bulgária, pois uma vez falo sobre o romance (e os contos dele) e outra vez sobre o filme homônimo dirigido por Néelson Pereira dos Santos.

Sempre na Cátedra (ou seja, Departamento) de Hispanística e Portugalística, é possível fazer doutoramento em literatura brasileira. O candidato, para ser admitido, é necessário que seja aprovado num exame escrito sobre ela. O temário consta de quinze perguntas, a número doze é “Regionalismo. Graciliano Ramos e a prosa documentária”. Isto e o exposto anteriormente permitem constatar que ele está bem presente (para ser exato, de modo quádruplo) dentro da brasilística na Universidade de Sófia: nas aulas de letras brasileiras; a versão búlgara de **Vidas secas** e o filme baseado no livro, dentro do curso de relações culturais bilaterais; no exame para doutoramento.

Um entorno brasileiro com letras cirílicas

Como **Vidas secas** é romance, trago uma relação com todos os títulos no mesmo gênero de autores brasileiros publicados até o momento na Bulgária. Esta enumeração pormenorizada

permite ver em que companhia Fabiano, dona Vitoria, os meninos e a cachorra Baleia caminharam com seus pés esquartejados por um país socialista.

I. Jorge Amado:

1. **Cacau e sangue**, 1949, 1956.
2. **Seara vermelha**, 1950.
3. **O país das frutas douradas**, 1950.
4. **Os subterrâneos da liberdade**, 1955.
5. **Gabriela, cravo e canela**, 1961.
6. **Os pastores da noite**, 1969.
7. **Os velhos marinheiros**, 1972, 1978.
8. **Mar morto**, 1975.
9. **Jubiabá** 1975.
10. **Dona Flor e seus dois maridos**, 1984, 2007.
11. **Farda, fardão, camisola de dormir**, 1987.
12. **Tocaia grande e face obscura**, 1992.
13. **A descoberta da América pelos turcos**, 2008.

II. Alina Paim:

1. **Sol ao meio-dia**, 1964.

III. Graciliano Ramos:

1. **Vidas secas**, 1969.

IV. Bernardo Guimarães

1. **A escrava Isaura**, 1988.

V. Paulo Coelho:

1. **O alquimista**, 1997.
2. **O Monte Cinco**, 1998.
3. **Na margem do Rio Pedra sentei e chorei**, 1999.
4. **O diário de um mago**, 2000.
5. **Veronika decide morrer**, 2000.
6. **Onze minutos**, 2003.
7. **O demônio e a senhorita Prim**, 2001.
8. **Manual do Guerreiro da Luz**, 2002.
9. **Zahir**, 2005.
10. **A bruxa de Portobello**, 2007.
11. **Brida**, 2008.

2 + 2 =

Somando, até dezembro de 2008 temos 27 romances de cinco brasileiros vertidos ao búlgaro e **Vidas secas** é um deles. O lapso envolve 60 anos, pois o primeiro, **Cacau e sangue**, data de 1949. Dos cinco escritores três (Alina Paim, Graciliano Ramos, Bernardo Guimarães) figuram cada qual com uma obra, as restantes estão divididas, não sei se fraternalmente, mas quase por igual entre Jorge Amado e Paulo Coelho. Em vista de que o primeiro faleceu, a perspectiva mais provável seria um desempate a favor de Coelho. E no panorama búlgaro do romance brasileiro uma hegemonia individual seria substituída por outra. Estes dois absolutismos sucessivos obviamente empobrecem a imagem traçada perante os búlgaros do que é aquele romance latino-americano, não só porque nenhuma narrativa nacional pode ser

reduzida a dois homens, quaisquer que sejam eles, senão porque no caso do País Tropical ele é riquíssimo e extraordinariamente variado. Paulo Coelho e Jorge Amado estão quase iguais, por enquanto, no número de títulos, este último mesmo assim leva uma vantagem considerável, pois durante o socialismo seus livros atingiam tiragens impressionantes, impossíveis depois de 1989, quando o Estado, em face das mudanças políticas e econômicas, entregou as editoras em mãos de particulares. Vejamos as cifras, tal como se acham na Biblioteca Nacional São Cirilo e São Metódio:

Gabriela, cravo e canela – 12.100 exemplares.
Os velhos marinheiros (1972) – 12.700.
Tocaia Grande e face obscura - 15.000.
Farda fardão, camisola para dormir - 20.125.
Mar morto - 30.110
Jubiabá- 30.110
Dona Flor e seus dois maridos - 30.125
Os pastores da noite - 40.120
Os velhos marinheiros (1978) - 40.120.

O restante dos livros de J. Amado não tem anunciadas as tiragens, razão pela qual ficam fora da contagem. Mesmo assim, pode-se dizer que não está nada mal um texto (**Os velhos marinheiros**) ter 52.820 exemplares. Como é prática talvez quase comum, por motivos extraliterários, os editores de Paulo Coelho não colocam as tiragens e não é possível fazer uma comparação, mas é difícil crer que elas possam emular com as do socialismo e seu todo-poderoso Estado.

Vidas secas, junto com **Sol ao meio-dia** e **A escrava Isaura**, representa uma triple cisão entre os dois hegemonismos, do ilheense e do carioca.

A lista cronológica permite ver a obra prima do alagoano dentro dum processo e, também, a conclusão de que durante o mencionado período de seis décadas em menos de três anos aparecia a média de um romance brasileiro. Se esse ritmo é péssimo ou satisfatório cada um pode opinar conforme seu próprio critério. Para uma avaliação mais ou menos objetiva seria preciso estabelecer comparações com quadros em outros países receptores de romances brasileiros. Como ignoro as situações neles, não quero julgar o que acontece na minha terra, inevitavelmente cairia num subjetivismo. Eu preferiria que os dois absolutismos cedessem lugar a uma dúzia de outros nomes, mas isto fica para o dia em que chegasse a dono do mercado nacional de livros.

Lidando com cifras

Quanto a **Vidas secas** quero frisar que não nos devemos guiar apenas pela quantidade de títulos e no caso deste romance seu lugar no quadro narrativo do Brasil em búlgaro se determina não pelo número de páginas, mas pela qualidade e é neste sentido que o romance de Ramos não é nada eclipsado por Amado e Coelho. Relendo as datas acima expostas, é possível notar que **Vidas secas** apareceu exatamente vinte anos depois do primeiro romance brasileiro entre os búlgaros (1949). Outra observação oportuna seria que estamos nas vésperas dos 40 anos da publicação de **Vidas secas** na língua de Cirilo e Metódio, santos da Igreja Ortodoxa e da Católica, por terem criado, em 855, a escrita búlgara, ou seja, eslava, a quem o papa João Paulo II declarou, junto com São Benedito, padroeiros da Europa. É por isso que gostaria de render com as presentes linhas uma modesta homenagem aos 40 anos de presença de Graciliano Ramos na Bulgária.

O sertão já tinha chegado à Bulgária

E preciso dizer que em 1956 apareceu **Geografia da fome**. Assim, este trabalho, aliás único da sociologia brasileira em búlgaro, se transformou, em certo sentido, em um predecessor de **Vidas secas**, porque Josué de Castro coloca cientificamente os problemas da escassez de água e do conseqüente pauperismo no Nordeste, sobre os quais versa, com os recursos da ficção, Graciliano Ramos. Os dois textos estão separados por treze anos. Imagino que esta foi a causa, mas o livro de Castro não serviu como fonte de conhecimentos para comentários sobre o de Ramos. Os dois foram lidos por círculos diferentes?

Sendo o sertão cenário de **Vidas secas**, aproveite a oportunidade para acrescentar que a temática brasileira nas letras búlgaras partiu diretamente do sertão, o de Minas Gerais. Matvei Valev (1902 - 1944) viveu entre 1931 e 1934 naquele Estado, para onde tinha emigrado um irmão seu. A experiência como horticultor e agricultor lá permitiu a Valev, novamente na pátria, publicar na imprensa contos sobre mineiros, que reuniu em 1937 na coletânea **Poeira traz as boiadas**. Morreu pelas montanhas da Albânia como voluntário na Segunda Guerra Mundial. Em 1988 foi recuperado, a partir dum manuscrito, seu romance com o sintomático título **Fazenda no sertão**.

Outro caso igualmente curioso é o de Samuil Stresov, autor do primeiro livro búlgaro escrito em castelhano, **Anga** (1929, Buenos Aires). A narração autobiográfica leva à Macedônia, Bulgária, Argentina, Paraguai e o Brasil, onde o protagonista entra atravessando a nado o Iguazu perto das Cataratas, portanto bem longe do sertão. Porém o livro ainda permanece inédito em búlgaro e sua contribuição à temática brasileira é conhecida só por meio de escassos comentários críticos. A questão da temática brasileira nas letras búlgaras exige um levantamento à parte, mas só para ilustrar que ela vai ampliando seu perímetro eis os nomes mais eminentes: Elissaveta Bagriana, poetisa, candidata ao Prêmio Nobel, e os narradores Svetoslav Minkov, Petar Bobev, Liuben Khristoforov.

Um bode brasileiro entre bichos de mundo inteiro

Foi a Narodna Cultura que voltou a lançar Graciliano Ramos, em 1971. Agora num livro coletivo, **Contos sobre animais**. O compilador Pentcho Simov explica num breve “Em vez de prólogo” que operou somente com textos estrangeiros, deixando a Bulgária fora da seleção. Começa com Hans Cristian Andersen e seu lindo **Patinho feio**. No total de trinta e seis autores vemos monstros sagrados como Maupassant, Tolstoi, Tchekov, Jack London, Turguenev. Nesta escolha temática a América Latina está com cinco representantes: Graciliano Ramos (Brasil), Horacio Quiroga (Uruguai), Alejo Carpentier (Cuba), Guillermo Blanco e Francisco Coloane (Chile). Quer dizer, o critério aplicado não foi de cada país um escritor. A honra da fauna brasileira está confiada à História de um bode, tomada, claro, de **Alexandre e outros heróis**. O tradutor é Rumen Stoyanov, quem fez também as versões do cubano e do uruguaio. Vale a pena reparar na tiragem: 20. 100. Exatamente o dobro de **Vidas secas**. Levando em consideração que um exemplar frequentemente é lido por mais de uma pessoa, não seria exagerado afirmar que talvez trinta mil búlgaros se divertiram com a exuberante e audaciosa fantasia do marido de dona Cesária. A dedução é que as poucas páginas de seu Alexandre e do bode chegaram a mais leitores do que as muitas de Fabiano e da Baleia.

Coisas de Embaixada

A Embaixada Brasileira em Sófia desde 2003 vem publicando livros nacionais. Já são quatro; o quinto, **Canaã** de Graça Aranha, está por sair, bilíngue e sem valor comercial. A

distribuição dos exemplares começa pelos que estudam e ensinam português na Universidade de Sófia São Clemente de Okhrid, na Universidade de Veliko, Tarnovo, São Cirilo e São Metodio e no Liceu Cervantes. Todos os professores das diferentes matérias nos dois cursos de graduação e no colégio falam o português europeu, a única exceção é este servidor. O bilinguismo das edições permite abrir janelas para as particularidades do português no Brasil.

A série inclui **Sete contos brasileiros** (2003), **Outros contos brasileiros** (2005), **Poesia brasileira contemporânea** (2006) e **Missa do galo** de Machado de Assis e **Baleia e ciúmes** de Graciliano Ramos (2007). Os **Sete contos** abrangem Machado de Assis, Lima Barreto, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Márcio Souza, Rubem Fonseca e Dalton Trevisan. Nos **Outros contos**, Editora Pet Plus, os nomes são quase o dobro, doze: Antônio de Alcântara Machado, Rachel de Queiroz, Antonio Fraga, Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Autran Dourado, Lygia Fagundes Telles, Ignácio de Loyola Brandão, Adélia Prado, Raduan Nassar, Moacyr Scliar e Márcia Denser. Na nota biobibliográfica Rachel de Queiroz, o compilador da coletânea, e que escreveu também a Introdução, José A. Lingren Alves, naquela altura Embaixador em Sófia, observa: “Embora já houvesse na literatura brasileira um livro, então recente, que usava a seca nordestina - flagelo natural perene que continua a provocar migrações populacionais internas - como pano de fundo, **O quinze** é considerado o texto inaugural verdadeiro do ciclo do denominado “romance nordestino” (de que participariam, entre outros, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado)“.

Em 2007 a Embaixada continua, através da Editora Ogledalo (Espelho), a série bilingue. Desta vez a escolha, cujo título é **Contos brasileiros**, recai sobre Machado de Assis e Graciliano Ramos. A coleção, traduzida por Vera Kirkova, abre com uma Introdução; nela o Embaixador Paulo Américo V. Wolowski diz: “A publicação da presente antologia, que reúne contos de Machado de Assis, de Graciliano Ramos - escritores brasileiros que, por sua consagração em nível mundial, dispensam comentários adicionais aos já presentes no prefácio desta obra - representa o empenho do Governo brasileiro, com o apoio do Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores, em dar sequência ao programa de edição, de anos anteriores, de coletâneas bilingues (português e búlgaro) de contos e de poesias de autores brasileiros renomados”. Graciliano Ramos figura com **Baleia e Ciúmes**, tomados respectivamente de **Vidas secas** e **Insônia**. Após as duas peças vem Dados Biográficos com o seguinte teor:

Graciliano Ramos nasceu em 27 de outubro de 1892, em Quebrângulo, no estado de Alagoas. É reconhecido como um dos maiores romancistas brasileiros.

Ao longo de sua vida, colaborou com diversos jornais e revistas, como **Correio da Manhã, A Tarde, O Século e Jornal de Alagoas**, entre outros. Trabalhou como jornalista, revisor de provas tipográficas, além de comerciante, diretor da Imprensa Oficial e também prefeito de Palmeira dos Índios, em Alagoas, tendo renunciado ao cargo antes de completar o mandato.

Traduziu **A peste**, de Camus, e **Memórias de um negro**, de Booker T. Washington. Escreveu também obras de literatura infantil, além de crônicas, contos, memórias e romances. Em 1951, foi eleito Presidente da Associação Brasileira de Escritores.

O conto **Baleia**, apresentado nesta coleção, constitui parte do livro **Vidas Secas**, sua obra-prima, que indo além da representação de uma realidade regional, aborda, com maestria, temas universais, como a opressão, o sofrimento e a dificuldade de comunicação, e é reconhecido como um dos maiores romances da literatura nacional.

Faleceu em 20 de março de 1953.

Como nota à parte, igualmente anônima, aparece mais “Principais Obras”:

Romances

Caetés (1933);

São Bernardo (1934);

Angústia (1936);

Vidas secas (1938);

Memórias

Infância (1945);

Memórias do cárcere (1953);

Viagem (1954);

Linhas tortas (1962);

Livros infanto-juvenis

A terra dos meninos pelados (1939);

Histórias de Alexandre (1944);

Histórias incompletas (1946).

Há um prefácio, *Setenta anos de contos brasileiros na Bulgária* (2007, p. 7 -15), de Rumen Stoyanov, com apenas duas referências das que aqui interessam, mas elas não trazem nada fora do que já foi exposto neste estudo:

O ano de 2007 os completa (os livros de contos brasileiros em búlgaro, n. m., R. S.) com Machado de Assis e Graciliano Ramos, traduzidos por Vera Kirkova.

De 1971 e a coletânea *Contos sobre animais*, compilada por Pentcho Simov. Entre os trinta e seis autores, encabeçados por Andersen, esta incluído Graciliano Ramos com *Historia de um bode*, versão de Rumen Stoyanov. Outros latino-americanos são os chilenos Francisco Coloane e Guillermo Blanco, o uruguaio Horacio Quiroga e o cubano Alejo Carpentier. (**Vidas secas**, uma pequena, pelo tamanho, jóia da novela brasileira, aparecera em búlgaro em 1969, traduzida por Stoyanov).

Uma voz do interior

O jornal **Literaturen glas (Voz literária)** no número 137 de setembro de 2008 publicou o conto *Uma canoa furada*. Foi fundado em 1928 em Sófia, e deixou de existir em 1944 com a tomada do poder pelo Partido Comunista. Graças a seu renome na vida cultural da nação, voltou a circular em 1992, desta vez em Stara Zagora, cidade situada na Trácia, a região onde nasceu Orfeu, quem, antes de ser um ser mítico e o maior músico de toda a humanidade, fora uma personalidade de carne e osso; os búlgaros de hoje são descendentes diretos do povo dele, os trácios, posteriormente misturado com bulgáricos e eslavos, quer dizer a fusão búlgara atual. A peça, como *História de um bode*, pertence a **Alexandre e outros herois**. Está acompanhada por uma reprodução do quadro **Barcas**, de Mario Jekov, um dos melhores marinhistas nacionais. Como um destaque especial as letras do texto e o quadro estão impressos não com tinta preta, como e o resto do jornal, senão verde.

Vamos rir, pessoal

Starchel (Zangão) é o jornal humorístico de maior prestígio na história da imprensa búlgara. Foi fundado em 1886 na capital. Naquela primeira etapa existiu durante vários meses. Renasceu em 1930, mas na cidade de Popovo, e sobreviveu com apenas dois números. Nos anos quarenta voltou a ter sua redação em Sófia (1940 - 1941). Igual a uma fênix de papel, cobrou vida novamente em 1946 e desde então não deixou de circular, uma vez por semana. No seu auge, constatável pelos anos setenta, atingiu uma tiragem de 600 000 exemplares, a segunda no território nacional, superada, naturalmente, pelo diário do Partido Comunista no poder. Não é nada mal que uma população de 8.000.000 tenha um jornal humorístico de 600.000, não é? Rir é muito saudável, garante a medicina, mas todas as variantes dele, a ironia, a gozação, o sarcasmo, as gargalhadas, a sátira, a comédia, a palhaçada são igualmente recomendáveis para a saúde da política e da sociedade.

Desde 1964 o **Starchel**, cuja história é impressionante, promove o concurso internacional Aleko para contos humorísticos, algo raríssimo, ao julgar pelo fato que em toda Europa atualmente (2008) há só mais um evento desta índole. Realiza-se na cidade italiana de Bordighera e, levando o mesmo nome, data de 1953. No seu número 3256 de 17/10/2008 o semanário incluiu A espingarda de Alexandre, traduzido por Rumen Stoyanov. A peça veio reforçar a participação do Brasil no **Starchel**, já bem sólida, pois a partir de 2005 pelas suas páginas passaram Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Ciro dos Anjos, Ferreira Goulart, Dalton Trevisan, Luis Fernando Veríssimo, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Ivan Ângelo, Maria Lindgren. Este conjunto converteu o semanário numa tribuna do conto humorístico brasileiro. Qualitativa e quantitativamente (alguns, sobretudo Veríssimo, estão lá mais de uma vez) estes onze nomes equivalem a uma excelente coletânea de contos humorísticos do Brasil e Graciliano Ramos faz parte dela com uma aventura de Alexandre.

Olhem para trás, e ele

Curiosamente, com este mesmo Aleko (de sobrenome Konstantinov, 1863 - 1897) iniciou-se a presença literária búlgara entre brasileiros. Há quase um século, em 1915 a famosa revista **Careta** publicou em Rio de Janeiro o conto dele Sociedade de temperança, constituindo deste jeito uma tríplice primária: é a primeira vez que algo das letras búlgaras sai no país do carnaval, em português e na América Latina. Hoje não podemos determinar quem foi o tradutor e de qual idioma. Mas estamos na véspera do centenário das relações literárias búlgaro-brasileiras. Será que por este motivo alguma instituição terá a ousadia de organizar um simpósio em que sejam apresentadas numerosas e interessantíssimas provas de vínculos entre os dois povos? Deposito minha esperança na Universidade de Sófia, é nela que funciona um curso de graduação em português e seus professores e ex-alunos constituem o núcleo da brasilística búlgara que está em condições de realizar, junto com brasileiros, que têm a desvantagem de não saber búlgaro, uma tarefa deste tipo. Vamos ver, disse um cego.

Falando já a sério, como é recomendável que se proceda numa monografia, para mim é uma grande satisfação que tenha sido nada menos que Drummond quem se lembrou (após sessenta anos!) daquele conto e me mandou uma cópia xerocada do original da sua coleção pessoal da **Careta**, explicando em cartas o caso. E os búlgaros devemos, com muita gratidão, a Drummond o pequeno descobrimento que me permitiu estabelecer o ano 1915 como inicial da presença das nossas letras no Brasil, na América Latina e em toda a lusofonia, apesar de que pela proximidade geográfica seria bem mais lógico esperar e procurar um primeiro passo no Portugal europeu e não abaixo do equador. Parece que o **Starchel**, sem dar-se conta, retribui, com um enorme atraso, aquele simpático gesto carioca nos anos da Primeira Guerra Mundial, abrindo hospitaleiramente suas páginas para numerosos contos brasileiros, participantes do Concurso Aleko ou não.

Fabiano e família falam em russo

Pois é, mesmo analfabeta, aquela família falou na língua de Tchekov, Tolstoi, Dostoevski: de 1961 e a edição de **Vidas secas**, com tradutores S. Brandão e Z. Tchernova, da Goslitizdat (Editora Estatal de Literatura), Moscou, dentro da série muito lida O Romance Estrangeiro do Século XX. Isto significa que Graciliano Ramos entrou na Bulgária primeiramente através do russo. E talvez por meio de algum outro idioma do campo socialista, já que em Sófia houve centros culturais da URSS, Polônia, Hungria, Tchecoslováquia, República Democrática Alemã e eles ofereciam livros não só de autores nacionais, mas também de estrangeiros traduzidos. Não disponho de dados de que aqui se tivessem vendido livros de Ramos naqueles idiomas (excetuando russo), mas não excluo esta eventualidade. Durante o período em que o Partido Comunista esteve no poder (1944 – 1989), este levava uma política de relações muito estreitas com o país dos soviets e, como parte dela, os búlgaros, no ensino médio e superior, obrigatoriamente estudavam duas línguas estrangeiras, uma ocidental (francês, alemão, inglês, espanhol) e russo. Devido à enorme semelhança dele com o búlgaro (talvez 80% das palavras sejam comuns, a principal diferença é que o russo declina os nomes e o búlgaro deixou de fazê-lo, sendo como idioma analítico a única exceção entre todos os eslavos, que permanecem sintéticos), para nós resulta fácil ler em russo, ele usa o nosso alfabeto cirílico. Havia numerosas livrarias russas nas cidades e até em algumas búlgaras funcionavam setores com edições russas. De maneira que milhares de edições russas distribuíam-se, amplamente aqui, a preços baixíssimos.

Sendo assim, não seria exagerado afirmar que a obra de Graciliano Ramos ficou conhecida na Bulgária via Rússia. A prova é que dois títulos dele ainda podem ser consultados em bibliotecas públicas e eu mesmo possuo o segundo, comprado em Sófia, que é **São Bernardo**, editado em Leningrado (agora Petersburgo) pela Khudojestvennaia Literatura (Literatura de Ficção), 1977. O volume contém, além do romance homônimo, assim mesmo uma seleção de oito contos: A testemunha, A prisão de Jose Carmo Gomes, Dois dedos, O advogado Nunes Leite, O senhor Mota, Chico Brabo, O estribo de prata e História de uma bota. O romance verteram L. Brevern e V. Tchegegovaia; nos contos trabalharam V. Fedorov e L. Brevern. Ina Terterian produziu um extenso Prefácio. O. Skolozubov fez 32 desenhos, dois deles na capa e na contracapa. Com certeza, eu não fui o único entre meus compatriotas que adquiriu um exemplar dos 50.000 da referida edição, portanto realmente búlgaros leram Graciliano Ramos em russo.

Aqui circulava abundantemente, em bibliotecas públicas e lares, a revista soviética **Inostrannaia literatura (Literatura estrangeira)** e o escritor alagoano, sem dúvida, teria sido publicado nela: era militante do Partido Comunista Brasileiro, visitou aquele país, escreveu sobre ele (**Viagem**, 1953). Com frequência ela abria-se até para romances inteiros, que depois apareciam como livros, tal foi o procedimento, por exemplo, com **Cem anos de solidão**.

Ao longo daquele quase meio século do nosso passado recente uma grandíssima quantidade de búlgaros estudavam, trabalhavam, faziam especializações, turismo na URSS, participavam de todo tipo de eventos culturais, políticos, desportivos, profissionais, o que, junto com os numerosos matrimônios mixtos lá, aumenta ainda mais a possibilidade de que búlgaros conhecessem Ramos mediante o russo. Por isso, para ser fiel aos fatos, tive que apelar a ele, do contrário a imagem do brasileiro entre meus patrícios perderia uma parte inegável e importante.

Com certeza absoluta, na Bulgária o Velho Graça foi e é lido predominantemente em búlgaro; a tiragem de 10.100 de **Vidas secas** é a prova contundente, que de longe supera os exemplares russos e cubanos em mãos de meus patrícios. Mas no tocante à cronologia a língua búlgara ocupa o terceiro lugar, precedida pela russa e pela espanhola. Esta presença

tripartite de Graciliano Ramos conduz às seguintes conclusões. Apesar de que o título é **São Bernardo**, o romance e os oito contos que o acompanham não repetem os textos que estão em búlgaro.

Uma excelente companhia

Como ficou claro, na Bulgária Graciliano Ramos é conhecido como contista. Vejamos a quem mais temos conseguido traduzir do Brasil até o fim do ano 2008. Espero que a enumeração não seja tediosa, minha intenção não é esta, ao contrário, quero mostrar que o criador de Fabiano, dona Vitória e sua prole não é um solitário representante do conto nacional, aliás tão admirável em suas cimeiras, invejavelmente numerosas, no passado e na atualidade. Então, venha a crescente lista dos contistas brasileiros na Bulgária:

Machado de Assis, Artur Azevedo, Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Lima Barreto, Luís Fernando Veríssimo, Murilo Rubião, Sérgio Sant'Anna, Moacyr Scliar, Monteiro Lobato, Dias da Costa, Sérgio Faraco, Guilherme Figueiredo, Miroel Silveira, Leonardo Arroio, Edilberto Coutinho, Vasconcelos Maia, Herberto Sales, Wander Piroli, Lúcia Aizim, Otto Lara Resende, José Mauro de Vasconcelos, Ferreira Goulart, Ivan Ângelo, Paulo Mendes Campos, Ciro dos Anjos, Maria Lindgren, Dalton Trevisan, José Sarney, Danilo Galera, Clarice Lispector, Ronaldo Cajiano, Márcio Souza, Rubem Fonseca, Antônio de Alcântara Machado, Rachel de Queiroz, Antonio Fraga, Fernando Sabino, Autran Dourado, Lygia Fagundes Telles, Ignácio de Loyola Brandão, Victor Giudice, Adélia Prado, José J. Veiga, Raduan Nassar, Márcia Denser.

Sem a menor dúvida, o balanço búlgaro do conto brasileiro é sumamente positivo, visto que entre os quarenta e oito sobressaem mestres dos mais consagrados na arte de contar histórias ou estórias. As mulheres são cinco e esta correlação quantitativa reflete a situação na terra natal, onde entre os escritores bem de longe predominam os do sexo forte. O mais importante, porém, é que na Bulgária o panorama do conto brasileiro é incomparavelmente mais diversificado em comparação com o romance. Se neste último saltam à vista dois hegemonismos muito sólidos, até imbatíveis (o de Jorge Amado e o de Paulo Coelho), que pelo menos num futuro próximo em absoluto seriam incomodados, na comunidade formada pelos contistas não há monopólio algum e nela facilmente (um conto sente-se à vontade num jornal, um romance não) entram penas que até agora não tiveram esta chance. Estão traduzidos textos de Bernardo Élis, nada menos que o excelente e comovedor *A enxada*, Mário de Andrade, *Primeiro de maio*, etc. Ou seja, na Bulgária as perspectivas quanto ao romance e ao conto do Brasil são diametralmente opostas: conservar o monopólio constituído por dois hegemonismos, dito em termos extracientíficos, de corpos fechados; ganhar cada vez mais nomes novos.

Pensando nos cinco romancistas, dos quais três (Ramos, Paim, B. Guimarães) com um título cada um, e nos quarenta e oito contistas, a constatação é de que estes últimos do ponto geográfico cobrem uma parte bem mais vasta do espaço nacional em contraste com os primeiros. Não culpo a ninguém, nem tomo partido, constato uma realidade na qual os dois gêneros narrativos se movem conforme suas características técnicas, principalmente os tamanhos que lhes são possíveis. O mosaico que os contos compõem perante os búlgaros é muito diferenciado temática, ideológica, temporal e ambientalmente; mais comentários nesta direção ficam para o livro **O conto brasileiro na Bulgária**, aquele que, podem estar seguros, nunca será escrito. Mesmo assim, sem ler, quem foi Presidente da Associação Nacional de Escritores com toda certeza estaria contente se tivesse a relação dos quarenta e oito confrades.

Vi(v)a Cuba

Outra fonte que ajudou a penetração de Graciliano Ramos entre búlgaros foi Cuba. Em 1964 a Casa de las Américas lançou na sua Colección Literatura Latinoamericana **Vidas secas** com uma tiragem de 5 000, o pintor é Felix Beltran. Sem o nome do tradutor e com um Prólogo de José Rodríguez Feo. (A omissão está completamente em uníssono com a política editorial que a Revolução levava naquela época e consistia na colocação seguinte: não temos dinheiro para pagar direitos autorais, por isso publicamos do exterior o que nos serve sem pedirmos autorização e permitimos que os estrangeiros fizessem o mesmo com escritos nossos). Foi meu primeiro contato com texto de Ramos, naquela altura eu cursava na Universidade de Havana língua espanhola e literatura cubana e hispano-americana. Com toda razão admito que não fosse o único búlgaro que adquiriu o romance. Durante trinta anos (1959 - 1989) a Bulgária e Cuba desenvolveram relações muito estreitas e frutíferas, a tal ponto que no campo socialista somente a gigantesca União Soviética superava nosso país quanto ao tamanho e profundidade de colaboração com a Ilha. Para ter uma idéia aproximada da intensidade dos vínculos bilaterais, talvez bastaria mencionar que havia tantos técnicos em várias áreas da vida que trabalhavam naquele Estado caribenho que para os filhos deles funcionava na capital uma escola búlgara de onze graus. Naturalmente, muitos daqueles especialistas e suas famílias compravam edições cubanas e voltavam para a Europa com bibliotecas em castelhano. E por isso que posso afirmar sem nenhuma hesitação: **Vidas secas** foi lido por búlgaros em espanhol. A conclusão inevitável impõe por si só: Graciliano Ramos chegou a búlgaros nesta ordem cronológica: russo, espanhol, búlgaro e português.

O Uruguai também tem a sua vez

Perdendo para a Nacional, a segunda em importância na capital búlgara é a Biblioteca Municipal. Nela a partir de 19 funciona uma Sala de Lectura de Español. Praticamente, trata-se duma pequena biblioteca (com obras de ficção ibéricas e latino-americanas, enciclopédias, dicionários e outros livros de consulta, revistas, jornais). E nela, inesperadamente, encontra-se uma edição uruguaia intitulada **Alexandre y otros cuentos**, Amauta, 1991, Montevideo. As páginas são 48, talvez explicável a quantidade tão reduzida por destinar-se a crianças. O tradutor Jose M. Obaldía escolheu quatro peças: Primeira aventura de Alexandre, O olho torto de Alexandre, A espingarda de Alexandre e A doença da Alexandre, precedidas pelas notas Las mentiras nordestinas e Graciliano Ramos, respectivamente de uma e duas páginas. Na contracapa de novo seguem as linhas de mais uma nota. O pequeno corpo de papel está abundantemente ilustrado, quinze desenhos, o primeiro na capa.

O castelhano é, depois do inglês, o idioma estrangeiro mais ensinado na Bulgária, o que permite supor que esta edição minimalizada contribui, modestamente, para a imagem entre nós do narrador mestre.

Minha culpa ou pequenas curiosidades

Seria ótimo abordar a questão das traduções ao búlgaro de Graciliano Ramos. Mas como estou envolvido nelas, não me resta outra alternativa senão, lamentavelmente, evitá-las e limitar-me ao que de jeito nenhum possa ser entendido como omissão, pois qualquer parecer meu neste campo direta ou indiretamente conduziria a uma auto-alusão. Só posso dizer, a título de informação, que trabalhei no romance e em História de um bode quando ainda não havia nenhum dicionário português-búlgaro.

Na versão búlgara **Vidas secas** não é **Vidas secas**. Nem Baleia é Baleia. Não cabe aqui conjecturar acerca de algumas peculiaridades da morfologia búlgara, mas a formação do

plural dos substantivos, ao lado do português, é duma complicação considerável. Esta foi a razão para converter **Vidas secas** em **Vida seca**: não tudo o que é acerto no original tem a mesma sorte numa língua que se baseia em elementos próprios e diferentes.

Cachorra e baleia são do gênero feminino, mas no búlgaro baleia é do gênero masculino. Como não sou partidário das mudanças de sexo, aliás naquele 1969 elas ainda não se praticavam, que atraso! preferi trocar o nome do animal e substituí Baleia por Tubarão (Akula), que é feminino. Deste jeito a Baleia virou Tubarão, pelo menos os dois animais são do mar. Quase quarenta anos após aquela operação não transsexual e sim transonomástica, a cachorra voltou a ladrar com seu nome Baleia: Kirkova não o traduziu ou explicou. Como a cachorra não fala nem português, nem búlgaro permaneceu sem proferir uma só palavra, mas em compensação teve uma aventura onomástica, graças à qual em búlgaro dispõe de dois nomes, o primeiro deles pode ser interpretado como um pseudônimo. Mesmo assim, esta inofensiva aventura linguística não pode equiparar-se às dos animais nas histórias de Alexandre.

Hora de presentes

A tradução de **Vidas secas** me permitiu ganhar dois livros da senhora Heloísa Ramos. Ela me mandou a Sófia **São Bernardo** e **Alexandre e outros herois** com dedicatórias. Numa diz: “Ao Senhor Rumen Stoianov, esperando que Paulo Honório de “São Bernardo” seja tão feliz em seu país como foi Fabiano de “Vidas Secas”, envio os meus melhores agradecimentos. Heloísa Ramos. Rio, 20/6/69”. E na outra: “Para o Senhor Rumen Stoianov, os meus agradecimentos pela grande contribuição que vem dando na divulgação da obra do meu esposo Graciliano Ramos, em seu País. Heloisa Ramos. Rio, 1969”.

Naquele junho o homenageado tinha vinte e sete anos e obviamente ser tratado de senhor com maiúscula foi uma cortesia excessiva, mais convinha um “rapaz”, aliás, durante o socialismo éramos camaradas.

Os dois volumes são da Editora Martins. Dela guardo também **Insônia** como lembrança duma palestra que dei na Universidade de Brasília sobre letras brasileiras e, claro, Graciliano Ramos na minha pátria. Falei a convite do professor e crítico literário Fritz Salles e ele escreveu “Ao Rumen Stoyanov com a simpatia do Fritz Salles”, sem data, acho que o modesto evento deve ter sido por volta de 1974.

Quando fui ao Brasil, onde trabalhei na Legação (depois Embaixada) Búlgara e permaneci três anos e meio (1972 - 1975) visitei a viúva do mestre e ela me presenteou ainda com o álbum **O pintor Jenner Augusto**, nascido em Sergipe, mas artista da Bahia e apresentado por Jorge Amado, contendo vinte e quatro reproduções.

Cartão de visita

Ao Brasil cheguei três anos após a publicação búlgara de **Vidas secas** e lá ela se tornou uma excelente carta de recomendação que me tirava do anonimato entre os abundantes funcionários das missões diplomáticas e me convertia numa pessoa bem-vista por parte dos brasileiros. Ao ouvirem que eu era tradutor de **Vidas secas**, eles olhavam para mim com verdadeiro interesse, simpatia e benevolência, o que me abria portas nos meios intelectuais. Como se eu entregasse um cartão de visita em que não dizia o costumeiro Fulano de tal Embaixada, senão Tradutor de Graciliano Ramos. Assim, rapidamente me dei conta do

profundo respeito e da grande admiração de que ele gozava na sua terra. Se me entrevistavam em jornais, suplementos literários, rádios, televisões não era por búlgaro, nem por diplomata, e sim por ter recriado em letras cirílicas Fabiano, dona Vitoria, os dois meninos e Baleia, e a eles e acima deles ao seu pai literário que devo a honra de chamar a atenção de jornalistas, críticos, escritores, poetas. Os brasileiros geralmente ficavam surpreendidos de que num país tão afastado geográfica, histórica, étnica, cultural, economicamente e mais ainda oposto no plano político (em 1969) alguém soubesse do grande pequeno romance e sobretudo se desse o trabalho de traduzi-lo. Quando me apresentavam a um público de ouvintes, espectadores ou a beltrano, sicrano, as gentilezas habituais muitas vezes se encerravam com “tradutor de **Vidas secas**”.

Havia uma falta no meio do caminho

São dezenas e dezenas os textos dispersos pelo Brasil nos quais fica registrado que este servidor superou a barreira linguística com **Vidas secas**. Requer-se uma pesquisa detalhada e exaustiva de todos os casos em que o nome de Graciliano Ramos figura em notas, artigos, entrevistas, prólogos, palestras, lições no Brasil e relacionados com a Bulgária. Porém se eu for por este caminho teria que acumular uma quantidade de dados e respectivos comentários, tão copiosa que não caberia nos limites do presente trabalho. Outra solução seria recorrer a uma seleção representativa. Mas como sacrificar tanta coisa? Não sei se é a melhor opção, mas decidi não tocar nelas com a esperança de que um dia seja possível um livro inteiro sobre **Graciliano Ramos e a Bulgária** e nele colocar tudo o que vai desde 1972, quando entrei pela primeira vez no Brasil, até 2007, quando a Editora da UnB lançou **Drummond e a Bulgária**, de 294 páginas. Naqueles dez anos em que estive no Brasil (1972 - 1975, 1992-1995, 2001-2004) fui, gratuitamente, professor da Universidade de Brasília e na Faculdade de Letras tive um curso de quatro semestres sobre língua búlgara e outro, de um semestre, sobre a presença literária do Brasil na Bulgária. Acerca desta última matéria fui convidado a falar em universidades fora do Distrito Federal, nomeadamente na Universidade de Campinas, na Universidade de Paraíba e na Universidade Pluricultural em Caldas Novas. Em todas aquelas e em muitas outras oportunidades Graciliano Ramos era uma referência imprescindível.

Com base no dito acima, faço questão de sublinhar que o assunto Graciliano Ramos e a Bulgária não está esgotado, porque falta a parte brasileira em que o nome dele associa-se ao do meu país.

H á m a i s : a i m a g e m

Sim senhor, após a palavra, é a hora e a vez da imagem. E esta parte extraliterária não é menos surpreendente do que a precedente: na longínqua Bulgária o nome de Graciliano Ramos está ligado ao cinema.

Uma amizade entre diretores

Os desejosos de saber quando e como o cinema brasileiro deu seus primeiros passos na Bulgária teriam que memorizar o nome de Gueorgui Stoyanov ou simplesmente Bigor, se por comodidade nos valemos do pseudônimo artístico dele. Nasceu em 1925 numa aldeia na Trácia de Orfeu, participou da Segunda Guerra Mundial, estudou Direito e se formou em História e Teoria do Teatro na Academia Teatral Krastiu Sarafov, em Sófia; especializou-se em Zagreb, Moscou, Leningrado, Paris; foi membro ou presidente de júris nacionais e internacionais; em missões cinematográficas esteve em 58 países, ganhou como roteirista e diretor prêmios nacionais e estrangeiros, etc, etc. Sendo primeiro Diretor da Filmoteca

Nacional Búlgara (1960-1976), deixou-a, graças a um labor incansável de maníaco apaixonado, com 18.000 fitas, o que a colocava naquela época entre as mais ricas do mundo. Uma confirmação desta situação invejável é que a Federação Internacional das Cinematecas celebrou em Sófia um dos seus congressos (1966).

Em 1968 a capital búlgara foi sede do Festival Mundial da Juventude e do Brasil veio uma delegação numerosa. Nela estava Cosme Alves Neto, Diretor da Cinemateca Nacional junto ao Museu de Arte Moderna no Rio. Quis conhecer Bigor, já notável pela sua atividade como integrante do Comitê Executivo da Federação Internacional das Cinematecas. A iniciativa de Alves Neto virou uma amizade duradoura com seu homólogo balcânico e resultou numa colaboração institucional muito frutífera. Mais tarde Cosme frisaria:

Para a popularização da arte cinematográfica búlgara no Brasil contribuiu em gran medida a Cinemateca Nacional Búlgara, a primeira cinemateca europeia que estabeleceu contatos conosco. Nos recebemos muitos filmes interessantes em base de troca - búlgaros, soviéticos, alemães que enriqueceram nosso fundo.

Em 1969 Bigor voou ao Rio de Janeiro, onde se organizou uma Semana do Cinema Búlgaro, repetida em Belo Horizonte, Recife, Porto Alegre, São Paulo. Em contrapartida, a Cinemateca Búlgara recebeu, pelo acordo assinado no Rio de Janeiro, um verdadeiro acervo brasileiro de trinta e duas fitas, sendo seis delas documentários:

1. **Simão, o caolho**, (diretor) Alberto Cavalcante, 1952.
2. **Sinhá Moça**, Tom Payne, 1953.
3. **Rio, 40 graus**, Nelson Pereira dos Santos, 1955.
4. **O cangaceiro**, Vítor Lima Barreto, 1953.
5. **O pagador de promessas**, Anselmo Duarte, 1962.
6. **Barravento**, Glauber Rocha, 1962.
7. **Ganga Zumba, Rei dos Palmares**, Carlos Diegues, 1963.
8. **Vidas secas**, Nelson Pereira dos Santos, 1963.
9. **Os fuzis**, Ruy Guerra, 1963.
10. **Deus e o diabo na terra do sol**, Glauber Rocha, 1963.
11. **Viramundo**, Arnaldo Jabor, Geraldo Sarno, 1964.
12. **Selva trágica**, R. Farias, 1964 - 1965.
13. **Memórias do cangaço**, Paulo Gil Soares, documentário, 1965.
14. **Roda e outras histórias**, Sergio Muniz, Geraldo Sarno, 1965.
15. **São Paulo**, Luiz Sérgio Person, 1965.
16. **A grande cidade**, Carlos Diegues, 1965.
17. **Brasília, construção de uma cidade nova**, J. P. de Andrade, documentário, 1967.
18. **O caso dos irmãos Naves**, Luiz Sergio Person, 1967.
19. **O bandido da luz vermelha**, 1968.
20. **Antologia do cinema brasileiro**, Jurandir Passos Noronha, documentário, 1968.
21. **O anjo nasceu**, Julio Bressane, 1969.
22. **O profeta da fome**, Maurice Capovilla, 1969.
23. **Os herdeiros**, Carlos Diegues, 1969.
24. **Os Inconfidentes**, Joaquim Pedro de Andrade, 1973.
25. **Toda nudez será castigada**, Arnaldo Jabor, 1973.
26. **O amuleto de Ogum**, Nelson Pereira dos Santos, 1974.
27. **Perdida**, Carlos Alberts Prates Correia, 1975.
28. **Pecado na sacristia**, Miguel Borges, 1976.
29. **Na estrada da vida**, Nelson Pereira dos Santos, 1980.

30. **Um mercado, um mercado de peixe**, documentário, (sem data).
31. **Interregno**, documentário.
32. **João Formita**, documentário .

Apenas dois passaram, com fins comerciais, pela rede de cinemas e são **O cangaceiro e São Paulo**. Em compensação, também são dois os que correram a sorte contrária, não sendo propriedade da Cinemateca Nacional Búlgara, foram exibidos ao amplo público: **O Rei Pelé**, dirigido por Nelson Rodrigues, Fábio Cardoso, Hugo Cristensen e **Bay, bay, Brasil**, de Carlos Diegues.

Panoramizando

Este lote precioso permitiu a Bigor (quem através dos seis idiomas que domina obtinha informação sobre a cultura do país sul-americano, que visitara cinco ou seis vezes - nos conhecemos em Brasília) realizar nos anos setenta dois Panoramas do Cinema Brasileiro. Os eventos tiveram lugar no teatro da capital Drujba (Amizade), hoje Odeon. E neles foi exibido **Vidas secas**. Os Panoramas se repetiram nos cine-clubes de Plovdiv, Pleven, Pazardjik. Isto significa que o filme de Néelson Pereira dos Santos foi visto em quatro cidades. Curiosamente, o título foi traduzido: **Terra seca**.

Em 1973 a Cinemateca Nacional Búlgara levou a efeito um extenso panorama do cinema revolucionário latino-americano. Por este motivo Silvia Setchanova produziu o trabalho **Cinema revolucionário latino-americano**, editado naquele ano pela Cinemateca. Com o título **Brasil - Cinema Novo - fusil contra fusil**, as páginas de 21 a 28 são dedicadas ao País do Carnaval. A autora dá uma visão rapidíssima de sua cinematografia desde 1903, concentrando-se no Cinema Novo, Vítor Lima Barreto e sobretudo Glauber Rocha. Naquele capítulo lemos: “Os filmes **Vidas secas, Rio 40 graus, Rio Zona Norte, Terra em tranze Deus e o diabo na terra do sol** atraíram a atenção da crítica e dos espectadores, em qualquer país que aparecessem.”

Uma confirmação fidedigna de que **Vidas secas** foi exibido em panoramas vemos no compêndio **Cinemateca Nacional Búlgara 1960 - 1975**, datado do mesmo ano. O último capítulo é Repertório filmico e traz, em ordem alfabética, uma lista dos países cujas fitas foram passadas naquele espaço de tempo. As páginas 111 e 112 são do Brasil e na última delas figura a obra de Néelson Pereira. Aquela edição, que cobre os primeiros quinze anos da Cinemateca Nacional, não foi completada por outra e isto dificulta o acesso ao repertório posterior a 1975 e eventualmente a um novo acesso a **Vidas secas**.

Vejam a telinha

Ao longo de quase 16 anos Bigor apresentava pela Televisão Nacional o programa **Kinopanorama** (Panorama de Cine). Levado duas vezes por mês em horário nobre, nos anos setenta e oitenta, ele era muito assistido. Por razões de direitos autorais (as fitas de cinematecas não podem ser utilizadas com fins lucrativos) passavam-se fragmentos como material ilustrativo da palestra. Foi nesta forma parcial que Bigor trouxe para a telinha os retirantes e Baleia, havendo comentado a obra que mostra a vida como ela é.

Meu xará de sobrenome, com quem não tenho nenhum laço familiar, nos primeiros dias de 2009 me contou ainda o seguinte. “Eu gosto muito de **Vidas secas**. Por isto nas minhas palestras o filme fica muito destacado.” Bigor é um admirador da arte cinematográfica latino-americana e realmente contribuiu grandemente para sua difusão aqui e em primeiro lugar, o brasileiro. Ele esteve no México, Chile, Peru, Cuba, Argentina, Uruguai, Bolívia, Costa Rica, Venezuela, Panamá, Guatemala, Jamaica, Suriname. São contadíssimos os búlgaros que

durante a Guerra Fria podiam entrar na Guatemala, Bolívia, etc. É Bigor quem, aliás, manteve contatos com Glauber Rocha, e num deles colheu impressões de lá diretamente, que se converteram num verdadeiro amor pela América Latina, pelo Brasil. Esta admiração não foi turismo e conversa, nas palavras de Bigor “Os anos setenta aqui passaram sob o signo do cinema latino-americano como uma corrente da vanguarda mundial”. Da parte búlgara o mérito pessoal corresponde a Bigor, como do lado brasileiro, a Cosme Alves Neto. Interrogando Bigor, ele me disse ainda: “Eu era amigo do diretor italiano Roberto Rossellini. Ele apreciava muito **Vidas secas** e o qualificou assim: Isto é um modelo de autêntico filme neo-realista”.

Aí vem um reforço cultíssimo

Em 2004 a Editora Colibri lançou o segundo volume da **História do cinema** pelo eruditíssimo na problemática Todor Andreikov. Ele organizou seu livro em oito capítulos e o penúltimo intitula-se O cinema na América Latina (2004, p. 319-390), subdividido em Aproximações à América Latina e sua cultura, Argentina, México e Brasil. Em vinte páginas o autor expõe a evolução da arte cinematográfica, muda e sonora, do Brasil, desde a primeira projeção de cinemascópio: filmes de ficção, documentários, imprensa especializada. Na página 379 se lê:

Nos anos 20 e 30 aparece uma nova e forte geração de escritores, entre os quais Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Oswald de Andrade (este sobrenome está muito difundido pelo Brasil e os três não têm parentesco algum), como também Graciliano Ramos, o futuro autor do celebre **Vidas secas**, quem estreia com **São Bernardo** (1934)

Falando na fita **O descobrimento do Brasil**, dirigida por Humberto Mauro, Andreikov observa:

O filme tem a pretensão sincera de recriar veridicamente toda a história do país: o descobrimento, o período colonial, o período da independência, a formação da nação brasileira. Em realidade, o maior problema da obra é justamente o autenticismo da recriação histórica e ele não está solucionado até o fim pelo autor. Isto dá um fundamento ao escritor Graciliano Ramos para apontar num dos seus raros textos sobre cinema: ‘A cortesia excepcional dos portugueses para com os índios em realidade encobre a matança, que a colonização do país representa.’ A ditadura do Presidente Vargas, que precisamente naquela altura adquire um caráter abertamente pro fascista, não perdoa a conduta independente do escritor, quem por longo tempo está colocado na prisão” (2004, p. 389-390).

Roteirista, Diretor da Cinemateca Nacional, Todor Andreikov (1934-1997) continua sendo uma alta referência como crítico. Tem um grandíssimo mérito para uma melhor compreensão do cinema brasileiro na Bulgária, pois foi ele quem introduziu a América Latina dentro da matéria **História do cinema mundial**, que lecionou entre 1984 e 1997 no Instituto Superior de Arte Teatral, atualmente chamado Academia Nacional de Arte Teatral e Cinematográfica. Sua **História** é consultada não apenas pelos alunos da Academia, mas igualmente por numerosas outras pessoas interessadas no assunto.

Uma mulher assume as aulas

Aos nomes de Bigor e Andreikov devemos adicionar o de Boriana Mateeva (1952), quem a partir de 2005 ministra, na Academia Nacional de Arte Teatral e Cinematográfica, a matéria denominada História do cinema ibero-americano, que ela herdou de Andreikov. Pelo curso, de dois semestres, devem passar todos os alunos de Teoria e história do cinema e nele cabe **Vidas secas**, analisado como um feito no percurso profissional de Néelson Pereira dos Santos e no Cinema Novo. Mateeva, atualmente a maior autoridade búlgara quanto a cinema latino-americano (prova disto é, além da sua atividade docente, que ela foi integrante de júris de festivais em Buenos Aires e Havana) é leitora na Universidade de Cinema (que não tem estatuto de organismo de ensino superior) junto à Cinemateca Nacional, onde ela trabalha. No VI semestre Mateeva ministrou a X lição sobre o cinema na América Latina: O Cinema Novo do Brasil, a 19 de dezembro de 2008 no já mencionado Odeon. A palestra focalizava principalmente Glauber Rocha e o filme que a ilustrou foi **Deus e o diabo na terra do sol**, mas houve referência a **Vidas secas**. Tenho conhecimento disso por ter sido quem fez a tradução simultânea do filme. O exemplo equivale a dizer que mesmo sem poder documentá-lo, **Vidas secas** é comentado por distintos motivos e em diferentes oportunidades. Lembro que por volta de 1969-1971 fui chamado para fazer o mesmo tipo de tradução de **Vidas secas** para estudantes universitários, búlgaros e estrangeiros.

Só ele

A existência da versão cinematográfica de **Vidas secas** na Bulgária confere à imagem de Graciliano Ramos uma característica específica: entre todos os literatos brasileiros vertidos ao búlgaro só ele conta com uma fita baseada num texto dele. Mais ainda: é o único escritor brasileiro citado como crítico de cinema. É neste sentido que ele fica fora dos perímetros de Jorge Amado e Paulo Coelho, que são muito mais conhecidos aqui, porém não por via cinematográfica.

Quarenta anos

Como pode ser avaliado ainda o lugar que ocupa Graciliano Ramos na área cada vez mais ampla de literatos brasileiros na Bulgária?

Ele entra aqui 31 anos depois do primeiro livro do seu país em nosso idioma (**Dona Paula**, 1938). Um período que até o momento cobre 70 anos, no qual o alagoano dá seu passo inicial entre nós quase na metade, mas o faz com o melhor da sua produção de romancista, **Vidas secas**. Relativamente em breve ele surge como contista (1971, História de um bode). E segue um hiato de 36 anos, interrompido por Baleia e Ciúmes, (2007). Esta lacuna, porém, não é absoluta: Ramos entretimes é detectável repetidamente no cinema, na televisão e nos programas de estudo de dois centros de ensino superior. Mas no plano puramente literário estas quatro décadas podem ser subdivididas em duas etapas, 1969-1971 e a partir de 2007. Descontando a referência como crítico de cinema, constata-se que em búlgaro o Velho Graça mostra duas facetas diametralmente opostas: o dramatismo (em **Vidas secas**) e o humorismo (nos contos de **Alexandre e outros heróis**). Como em 1969 saiu, além da novela dele, também **Os pastores da noite** de Amado, este fato exige pensar naquele ano como particularmente forte nos vínculos literários bilaterais. São dois os tradutores que trouxeram ao búlgaro escritos de Ramos: Kirkova, Stoyanov. No contista predominam peças protagonizadas por seu Alexandre, de **Insônia** é uma. O contista brasileiro mais traduzido ao búlgaro é Luis Fernando Veríssimo.

Já num nível pessoal, eu devo e sempre deverei um enorme obrigado a Graciliano Ramos: sua obra prima é o primeiro texto que traduzi do português, o posfácio que vai anexado é a primeira coisa que escrevi a respeito do Brasil, meu labor como brasilianista começou nada

menos que com **Vidas secas**. Mais uma razão de encarar as presentes páginas como uma humilde homenagem de admiração e gratidão pelo mestre da narrativa seca.